



VILA DE UTOPIA: (RE)ERGUIDA PELA MEMÓRIA¹

VILA DE UTOPIA: (RE)CONSTRUCTED BY MEMORY

Miriam de Paiva Vieira²

Sophia Castro Dinelli³

Artigo submetido em: 22 abr. 2021

Data de aceite: 21 jun. 2021

Data de publicação: 4 jul. 2021

RESUMO: O presente artigo visa analisar a crônica *Vila de utopia*, de Carlos Drummond de Andrade, escrita em 1933, investigando os traços arquitetônicos existentes na obra, sobretudo, a partir das memórias do eu lírico que (re)constrói as ruas de sua cidade natal, Itabira, bem como se reencontra com a sua “casa espetacularmente azul” (ANDRADE, 2021). Será analisado, portanto, como esses espaços presentes na crônica são (re)construídos pela memória e seu impacto emocional, de modo a contextualizar histórica e culturalmente a forma como Itabira é revelada por meio de palavras em écfrases arquitetônicas que despertam sentidos, sua materialidade física e moral, assim como seu caráter ora performativo, ora contemplativo.

Palavras-chave: Memória. Carlos Drummond de Andrade. Écfrase arquitetônica. Intermedialidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze the chronicle *Vila de utopia*, by Carlos Drummond de Andrade, written in 1933, investigating the architectural features present in the work, above all, based on the memories of the speaker, who (re)builds the streets of his hometown, Itabira, and comes across his “spectacularly blue house” (ANDRADE, 2021). Therefore, it will be analyzed how the spaces present in the chronicle are (re)constructed by memory and their emotional impact, in order to contextualize historically and culturally the way Itabira is revealed through words in architectural ekphrases that awaken senses, its physical and moral materiality, as well as its performative and contemplative character.

Keywords: Memory. Carlos Drummond de Andrade. Architectural ekphrasis. Intermediality.

¹ Texto orientado pela Profa. Dra. *Miriam de Paiva Vieira*, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei-MG, Brasil.

² Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Curso de Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei-MG, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/1117606028406532> / <https://orcid.org/0000-0001-9851-0217>

³ Graduanda em Letras (Língua Inglesa e suas Literaturas) da Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei-MG, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/1942608252171932>



Acesse este artigo pelo QR Code:



INTRODUÇÃO⁴

(...) a cidade sou eu
sou eu a cidade (...)

(Carlos Drummond de Andrade)

A arquitetura tem a capacidade de suscitar emoções tanto no corpo quanto na alma de um morador ou visitante. A literatura tem o poder de evocar imagens de edificações e paisagens na mente do leitor, também capazes de despertar sentimentos. A mescla destas três figuras – morador, visitante e leitor – é revelada na crônica *Vila de utopia*, de Carlos Drummond de Andrade, escrita em 1933 para celebrar o centenário da elevação de Itabira a vila, 20 anos depois de o poeta/cronista se ausentar da cidade natal. Ela foi publicada originalmente em 1943, no primeiro livro de crônicas do autor: *Confissões de minas*⁵. Tal obra, juntamente com *Passeios na ilha* (1952) e *Fala, amendoeira* (1957), é uma produção de Drummond composta tanto por crônicas quanto artigos e crônicas-ensaio. Desde jovem, Drummond “teve sua vida de escritor e poeta ligada à crônica do jornal, mas sempre cedendo ao apelo de poetizar a função jornalística” (PINHO, 2011, p. 44), registrando na sua escrita traços do cotidiano atrelados à crítica social e consolidando um fazer literário singular.

⁴ O presente trabalho é parte dos resultados do Projeto de Iniciação Científica intitulado *Écfrase arquitetônica: um estudo da presença da arquitetura em narrativas contemporâneas*, desenvolvido de agosto de 2020 a março de 2021 no âmbito da PROPE, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal de São João del Rei, e financiado pela mesma instituição.

⁵ Como não temos acesso à obra original, iríamos citar a coletânea *Prosa seleta* publicada pela editora Aguilar em 2003, porém a falta de acesso à biblioteca nos levou a optar pela versão disponível na página *Vila de utopia*, que traz notícias sobre a cidade Santa Maria de Itabira. Disponível em: <http://www.viladeutopia.com.br/vila-de-utopia/>.



Em diversas obras, o escritor modernista constrói e reconstrói paisagens por onde esteve – desde cidades históricas, passando por Belo Horizonte, até chegar ao Rio de Janeiro. No entanto, é inegável que a *Vila de utopia* de Drummond tem um lugar especial em sua escrita memorialística. Seja por meio da descrição de vivências dos moradores assim como relatos pessoais, pelo perfil cultural, social e econômico da cidade, até a evocação da arquitetura e urbanismo, revelados pela matéria prima mais abundante em suas produções: a poesia. De acordo com Beatriz Sarlo, “o retorno [ao] passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente” (SARLO, 2005, p. 9). Assim, o eu lírico revisita, pela memória, as primeira e segunda Itabira(s), transformando o leitor, instantaneamente, em visitante, ao flunar pelas ruas mineiras. Em seguida, esse viajante do espaço-tempo aproxima-se da perspectiva de um (ex-)morador da cidade do minério à medida que conhece as experiências relatadas pelo narrador itabirano e imerge nelas.

Com objetivo de aprofundar o estudo das relações estabelecidas entre a literatura e a arquitetura desencadeadas pela memória, o presente artigo visa investigar os traços da arquitetura e urbanismo presentes na crônica de Carlos Drummond de Andrade, *Vila de utopia* (1933), de modo a perceber como esses espaços são (re)construídos pela memória e seu impacto emocional, e assim contextualizar histórica e culturalmente a forma como Itabira é revelada por meio de palavras em écfrases que despertam sentidos, sua materialidade física e moral, bem como seu caráter, ora performativo, ora contemplativo.

A partir do entendimento da écfrase como uma “representação verbal de configurações reais ou fictícias compostas numa mídia visual não-cinética”⁶ (CLÜVER, 2017, p. 33) e do modelo interpretativo delineado para o estudo de écfrases de arquitetura (VIEIRA, 2017b), traçaremos o seguinte percurso: nosso *tour* se inicia na apresentação do referencial teórico utilizado na pesquisa; seguindo rumo às paisagens itabiranas, a fim de explorar seu potencial e apresentar as análises feitas acerca de sua arquitetura e urbanismo; encerrando o trajeto com nossas breves considerações e um horizonte de minério diante dos olhos.

EMBASAMENTO TEÓRICO

A noção de écfrase aqui empregada parte de seu resgate na Antiguidade, quando era utilizada pelos gregos como um tropo, uma figura de pensamento com o intuito de fazer presente alguma imagem ausente aos olhos. De acordo com Ruth Webb, “memória e imaginação” (WEBB, 2009, p. 10) são

⁶ No original: “Ekphrasis is the verbal representation of real or fictive configurations composed in a non-kinetic visual medium”. Todas as traduções de citações aqui apresentadas são de responsabilidade dos autores deste artigo.



propriedades essenciais da éfrase clássica utilizadas para ativar emoções vívidas na audiência⁷. Assim sendo, para além do entendimento estabelecido no século XIX, quando a éfrase passou a ser “um recurso literário utilizado em descrições de obras de arte” (VIEIRA, 2016, p.12), consideramos aqui a éfrase de artefatos feitos pelo homem do ponto de vista retórico, buscando entender o **significado social** desses artefatos e também seu **impacto emocional** (FÜHRER; BANASZKIEWICZ, 2014, p. 54-58, ênfase acrescentada) no desencadear da memória. Vale salientar que a éfrase aparece em propostas de modelos de categorização para o estudo de relações intermédias (ELLESTRÖM, 2020; RAJEWSKY, 2012), portanto, tem sido atualmente estudada como um “**fenômeno intermidiático**” (VIEIRA, 2016, p. 12, ênfase acrescentada). É pertinente destacar que, ao se referir a um fenômeno midiático, estão compreendidas, nas palavras de Lars Elleström, as ditas “Artes”, ou “mídias qualificadas” (ELLESTRÖM, 2017, p. 235): a música, a literatura, a dança, a pintura, bem como formas mistas, como a ópera, o teatro e o cinema, e também a arquitetura, que é o foco deste artigo.

A definição de éfrase proposta por Clüver – “representação verbal de configurações reais ou fictícias compostas numa mídia visual não-cinética” (CLÜVER, 2017, p. 33) – “abre as portas para o estudo da éfrase em diferentes mídias, possibilitando a análise da éfrase arquitetônica, que inclui, além das edificações, os elementos arquitetônicos, as peças de *design* e os espaços urbanos” (VIEIRA, 2017a, p. 52). A éfrase arquitetônica seria então “uma das formas de a literatura verbalizar a arquitetura” (VIEIRA, 2017b, p. 243) que “se dá no momento em que uma edificação se faz presente na mente do leitor” (VIEIRA, 2017b, p. 246). Para melhor entender como esse lampejo atinge a mente do leitor e assim ativa a visualização do espaço (d)escrito, trazemos à baila dois outros recursos retóricos empregados na antiguidade: a *enárgeia* e a *periegesis*.

Sobre a *enargia*⁸, a pesquisadora Melina Rodolpho a define como “o efeito de vivacidade que permite a presentificação dos elementos descritos” (RODOLPHO, 2010, p. 107) e destaca que:

Em contextos efrásticos, a expressão *enárgeia* geralmente aparece para tratar do aspecto de vivacidade dos textos. Dentre as acepções fornecidas no dicionário de Liddell & Scott⁹, *enárgeia* significa “clareza (seu primeiro significado), uma percepção clara e nítida” ou mesmo “uma descrição vívida

⁷ No original: “In particular, ancient conceptions of two closely linked faculties – memory and imagination – are essential to the power of ekphrasis to appeal to the emotions, and also help to explain why rhetoricians could be so confident about the effect vivid language would have on an audience”.

⁸ A tradução “enargia” (RODOLPHO, 2012, p. 21) foi adotada para o termo *enargia* (ou *enárgeia*), conforme sugerido por Rodolpho.

⁹ Dicionário adotado por Rodolpho para os vocábulos gregos (LIDDELL; SCOTT, 1996).



no âmbito retórico”. (RODOLPHO, 2010, p. 110, ênfase no original)

Isso é, o termo pode ser associado a um momento de *déjà vu*, ou a aquilo que é revelado aos olhos da mente, por meio da ativação de imagens visuais armazenadas na memória do receptor. Sarlo sugere que “vinda não se sabe de onde, a lembrança não permite ser deslocada” (SARLO, 2005, p.10). Em uma sucessão de imagens incompletas, “a lembrança precisa do presente” (p.10) para se revelar.

Já a periegesis, que segundo Webb é uma “forma elaborada de contar” em que o receptor é guiado “em torno da cena” ou “através do espaço”¹⁰ (WEBB, 2009, p.54), possibilita uma espécie de *tour* pelo sítio arquitetônico. A potencialização da experiência de percorrer o interior, o exterior e o entorno, de uma edificação por meio de palavras pode ser alcançada por meio da enargia. Com o apoio desses conceitos resgatados da antiguidade, juntamente com as noções de corporeidade e perspectiva, e norteado pelo modelo de Lars Elleström (2017; 2020) – que estuda transferência de características de mídias entre mídias diferentes – foi elaborado um modelo interpretativo para o estudo da tipologia éfrase arquitetônica, aqui empregada como um operador teórico e, portanto, relevante ser mencionada para o desenrolar desta análise.

Esse modelo interpretativo compreende quatro tipologias em uma classificação horizontal e não hierárquica, sendo elas: (1) **contemplativa**, “em que a personagem contempla uma edificação ou paisagem urbana a partir de um ponto de vista específico, sem que o agente focalizador interaja fisicamente com o sítio arquitetônico focalizado”; (2) **performativa**, “que acontece quando o observador, seja o narrador, seja a personagem, está fisicamente dentro de um sítio arquitetônico” ou urbanístico; (3) **simbólica**, “que demandam do leitor uma maior bagagem cultural” e por fim (4) **técnica**, que exige, como o próprio nome sugere, certo conhecimento técnico sobre arquitetura (VIEIRA, 2017b, p. 252-253). Assim sendo, a leitura a seguir da crônica *Vila de utopia*, de Carlos Drummond de Andrade, aplica os conceitos delineados acima buscando demonstrar como a arquitetura é revelada por meio da memória na construção de éfrases arquitetônicas.

A ARQUITETURA E O URBANISMO COMO INDÍCIOS DA MEMÓRIA

A fim de explorar o “silêncio grave que envolvia o aglomerado de casas desiguais, nas ruas tortas grimando ladeiras” (ANDRADE, 2021), bem

¹⁰ No original: “(...) elaborate form of telling [that] casts the speaker as a guide showing the listener around the sight [or] through space”.



como o vibrar das picaretas, trompas e martelos hidráulicos que cercavam a vila de Utopia, seguiremos o ecoar dos passos do poeta itabirano revelados pelos traços da arquitetura e urbanismo da sua terra natal que se fazem presentes, sobretudo, nos primeiros parágrafos da crônica, marcando o reencontro do menino da Rua Municipal com “a casa espetacularmente azul” (ANDRADE, 2021), carregada de significados e lembranças.

Na primeira frase da crônica – “A casa era **grande**, na rua Municipal: **dois andares** que subiam **cheios de porta e sacadas**, oferecendo a **frontaria sem ornatos, maciça**, impressionante, à admiração dos que passavam” (ANDRADE, 2021, ênfase acrescentada) – o verbo “era”, no pretérito imperfeito, indicia um *flashback* em que o eu lírico revisita a infância ao se recordar de características arquitetônicas da casa onde cresceu: grande, de dois andares, com muitas portas, sacadas, uma frontaria sem adornos e maciça. Instantaneamente, o leitor se transforma em visitante ao ser guiado pelo agente focalizador por meio do recurso periegeses.

No trecho que sucede, há uma mudança de perspectiva, tanto em relação ao espaço físico quanto à percepção que o eu lírico tinha da casa: “Dentro dela, olhando para o pátio central, outro sobrado, este menor, guardava cômodos inúteis; parecia um pombal” (ANDRADE, 2021). Nesse caso, além de direcionar o olhar do leitor/visitante para o pátio central, o eu lírico, que antes ressaltava a admiração daqueles que passavam pela casa, agora pontua a inutilidade de certos cômodos da edificação.

Em seguida, o poeta situa o leitor não apenas espacial, como temporalmente, evidenciando a importância do contexto histórico para a ambientação da narrativa: “Em **1911** esse sobradinho desapareceu, mas a casa não diminuiu de tamanho, os **passos ecoavam** ainda nos mesmos **imensos corredores**, nas mesmas **salas infinitas**” (ANDRADE, 2021, ênfase acrescentada). Aqui, a grandeza da casa não está associada à sua materialidade física, e sim às lembranças que o eu lírico resgata da mesma. Além da visão, a audição também é evocada nesse trecho com o ecoar dos passos que se propagavam pelos corredores e salas colossais da casa azul. Esse apelo aos sentidos é outra forma de evocar a arquitetura por meio da interação corporal do usuário com o edifício, caracterizando uma éfrase arquitetônica performativa.

Passando para o próximo trecho: “E nela existiam desvãos que nós nunca havíamos explorado. **Por baixo** da escada, **por cima** da copa, **aqui, ali**, o mistério abria-nos os seus lares. Mas nós crescíamos depressa e não púnhamos reparo na casa grande” (ANDRADE, 2021, ênfase acrescentada). A presença de marcadores dêiticos – por baixo, por cima, aqui, ali – também demarcam um caráter performativo com o ambiente pelos desvãos, escada e copa da casa grande. E, ao mesmo tempo em que essa era explorada por aqueles que “cresciam depressa”, sua atmosfera misteriosa parecia invadir a alma de seus exploradores.

Logo, neste primeiro parágrafo da crônica, é possível identificar como o resgate de uma memória afetiva interfere na (re)construção mental de um espaço. Seria possível, então, conceber a casa azul como um símbolo das raízes e infância do eu lírico, evocada por meio de éfrases arquitetônicas simbólicas e performativas. Tal afetividade torna-se ainda mais perceptível quando o poeta escreve:

Sabíamos que a casa tinha muitos anos, que ali morreram avós, tios e primos; em tal quarto nasceu meu pai, naquele outro meu avô estendeu, até a morte, uma perna baleada nas últimas eleições sangrentas do município; mas **nós circulávamos livremente através do ar coalhado de lembranças e eflúvios familiares** (...). (ANDRADE, 2021, ênfase acrescentada)

Nesse trecho ocorre o oposto, é o espaço que afeta as percepções e emoções do indivíduo, posteriormente transformadas em memórias.

No terceiro parágrafo, “um amargor sem aviso prévio, uma angústia [subia] à boca, aos olhos” (ANDRADE, 2021), a casa de enormes paredes azuis que testemunhara a vida da família Drummond de Andrade fora vendida. É nesse momento de rompimento com as memórias da casa que a narrativa se dispersa na malha do espaço e tempo, e o eu lírico tece um novo olhar sobre a sua infância:

Na nossa rua apenas passavam as pessoas que iam assistir à chegada das malas no Correio, espetáculo diário e maravilhoso (...), e algum vago transeunte, em demanda da rua Santana, algum vago moleque, que ia atirar pedras na casa da Didina Guerra (às vezes, eu adería cinicamente a esse moleque). (...) mas nós íamos caçar passarinhos ou tomar banho na praia do Rosário, onde uma bica nos dava a impressão de uma catarata doméstica, submetida aos nossos desejos (...). (ANDRADE, 2021, ênfase acrescentada)

Agora não mais como um explorador de interiores, mas um desbravador de Itabira, o eu lírico interage com o sítio arquitetônico – novamente, por meio de éfrases performativas – ao atirar pedras na casa da Didina Guerra, caçar passarinhos e tomar banho na praia do Rosário.

No entanto, esse menino itabirano, que “sofreu, brigou, amou, desesperou” (ANDRADE, 2021), um dia cresceu e mal viu a infância passar. Vinte anos depois, ele tenta então resgatar vestígios da sua “aventura individual” (ANDRADE, 2021) em Mato Dentro, no entanto, sem sucesso. Para ele, “[a] vida

anterior utilizara-se. A cidade, entretanto, continuava o mesmo **aglomerado de casas desiguais**, nas **ruas tortas grimpando ladeiras**. Um **silêncio grave envolvia todas essas casas** e impregnava-as de uma substância eterna, indiferente à usura de materiais e das almas” (ANDRADE, 2021, ênfase acrescentada). Ao re(erguer) pela memória traços sutis da arquitetura da sua cidade, o eu lírico revela que esses foram mantidos, tanto em termos físicos – casas desiguais e terreno acidentado – quanto, sobretudo, ligados à sua essência eterna e indiferente envolvida pelo silêncio.

Flanando pelas ruas da sua antiga vizinhança, a arquitetura, novamente, desperta emoções no eu lírico por meio da enargia – que, como introduzida anteriormente, tem o poder de ativar memórias guardadas na mente do receptor – nesse caso, desencadeadas ao se reencontrar com “a velha casa [que] continuava, espetacularmente azul na rua deserta” (ANDRADE, 2021). No entanto, durante esse retorno, o ex-morador se depara com mudanças em sua terra natal, que parece ter perdido parte de seu encantamento da infância.

Esse eu lírico, transformado pelo passar dos anos, já não parece se integrar ao espaço como antes, assumindo agora um caráter mais contemplativo do que interativo, como alguém de fora que com olhar curioso, observa “a vila de Utopia, posta na vertente da montanha venerável e adormecida na fascinação do seu bilhão e 500 milhões de toneladas de minério” (ANDRADE, 2021). Essa focalização que transita entre as fronteiras do espaço-tempo, oscilando entre um eu lírico ora criança e morador, ora adulto e visitante, possibilita construir e revelar as diferentes percepções do narrador acerca da materialidade tanto física quanto moral da vila de Utopia, rodeada pela mineração.

Um passeio pela linha do tempo itabirana é traçado, desde a primeira, a “Itabira do ouro”, em que, “[n]a encosta áspera, os pretos vibravam a picareta [e] mergulhavam os pés na água escassa e barrenta” (ANDRADE, 2021), até a segunda e então atual Itabira. O contraste entre passado e presente acontece ainda a partir da menção a nomes de edifícios usados como ponto de referência pelo autor, por exemplo, a Escola Normal, que em tempos ancestrais dava lugar às matas da região. Há também menção a monumentos simbólicos como a igreja do Rosário, a nova Matriz e construções que presenciaram e participaram do caminhar econômico de Itabira, como “as trinta fábricas de ferro do tempo do barão de Eschwege, com seus cadinhos dotados de trompas e martelos hidráulicos, os seus fornos e as suas oficinas de armeiro” (ANDRADE, 2021). Nesses trechos, além da atribuição simbólica a determinados elementos arquitetônicos, há também a ocorrência de éfrases arquitetônicas contemplativas, por exemplo, ao direcionar o olhar do leitor para o trabalho que estava sendo realizado nas minas de água escassa e barrenta, como se fosse um espectador assistindo a uma performance.

O eu lírico, no entanto, assume que “[a] cidade não avança nem recua. A cidade é paralítica. Mas, de sua paralisia provêm a sua força e a sua permanência. Os membros de ferro resistem à decomposição. Parece que um poder superior tocou esses membros, encantando-os. Tudo aqui é inerte, indestrutível e silencioso” (ANDRADE, 2021). Nesse fragmento, o cenário da pequena cidade

mineira é evocado tanto pelo seu aspecto material, o ferro, quanto pelo significado de resistência atribuído a ele. Na sequência, lemos:

Se a vida passasse depressa, a **estrada de ferro** já teria posto os seus trilhos na orla da cidade; à sombra do Cauê, **uma usina imensa** reuniria 10 mil operários congregados em cinquenta sindicatos, e alguma coisa como Detroit, Chicago, substituiria o **ingênuo traçado das ruas do Corte, do Bongue, dos Monjolos**. (ANDRADE, 2021, ênfase acrescentada)

Ao refletir com ares indistintos de progresso, lamento e crítica quanto à existência de uma “terceira e diversa Itabira” (ANDRADE, 2021), o poeta destaca, mais uma vez, transformações no urbanismo da vila de Utopia, ao especular sobre o surgimento da estrada de ferro, a construção de uma imensa usina ou a substituição do ingênuo traçado de ruas da cidade.

O escritor encerra a sua crônica sem poder dizer ao certo se culpa ou se agradece a Itabira pela tristeza que destilou em seu ser. O que podemos, de fato, extrair desse *tour* pela memória poética e, praticamente, tangível que o autor evoca da cidade do minério é a relação intrínseca entre ela e o poeta. A pesquisadora Ângela Rosa destaca: “A cidade marca o poeta, deixando nele suas inscrições, e o poeta escreve a cidade, com seus traços e signos, por meio de uma leitura recortada e fragmentada do espaço urbano” (ROSA, 2000, p. 23). Em *Vila de utopia*, Carlos Drummond de Andrade não apenas descreve sua cidade em diferentes épocas e aspectos, ele a revive.

CONCLUSÃO

O percurso aqui apresentado é apenas um dos possíveis recortes embasado na noção de éfrase arquitetônica permeada pela memória que entrelaça o passado e o presente diegético. O *tour* pela vila de Utopia do célebre itabirano viabiliza a investigação da consolidação de éfrases, já que o eu lírico reconstrói mentalmente sua cidade de origem por meio de memórias guardadas dos caminhos percorridos atribuindo à arquitetura e ao urbanismo um caráter afetivo. As análises empreendidas também demonstraram como as diferentes tipologias de éfrase arquitetônica – em especial a contemplativa, performativa, e simbólica – podem ser justapostas, evocando múltiplas percepções das obras arquitetônicas e paisagens urbanas na mente do leitor.

Vila de utopia revela diversas Itabiras, não apenas espacial e temporal, como moral e memorialmente transformada, conforme as múltiplas

perspectivas adotadas acerca da exploração do minério e suas implicações na vida de seus moradores, visitantes e até mesmo de seus leitores. O *tour* pela “casa espetacularmente azul” (ANDRADE, 2021) desencadeia memórias do passado, o flunar pelas ruas da vila indica o presente, e o observar da paisagem anuncia iminentes mudanças em seu entorno.

Em poucas palavras, a escrita drummondiana, mesmo em forma de crônica, é erguida pela memória na qual a cidade é ele e ele é a cidade. A vila é o poeta que (re)encontra-se em sua utopia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. Vila de utopia. In: _____. *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2003, p. 212-213.

_____. *Vila de utopia*. Disponível em: <http://www.viladeutopia.com.br/vila-de-utopia/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

CLÜVER, C. Inter textos / interartes / inter mídia. *Aletria*, v. 14, Belo Horizonte, jul.-dez. 2006, p. 9-39.

_____. A new look at an old topic: ekphrasis revisited. *Todas as letras*, v. 19, n. 1, São Paulo, 2017, p. 30-44.

ELLESTRÖM, L. (Org.). *Beyond Media Borders*, v. 1: Intermedial Relations among Multimodal Media. 1. ed. Cham: Palgrave Macmillan, 2020.

_____. Transferência de características das mídias entre mídias diferentes. In: _____. *Midialidade: ensaios sobre comunicação, semiótica e intermedialidade*¹¹. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2017, p. 229-239.

FÜHRER, H.; BANASZKIEWICZ, B. The trajectory of ancient ekphrasis. In: JEDLICKOVA, A. (Ed.). *On description*. Prague: Akropolis, 2014, p. 45-75

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

PINHO, M. H. S. C. *A crônica em Drummond: um gênero em trânsito*. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Literatura, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

RAJEWSKY, I. O. Intermedialidade, intertextualidade e “remediação”: uma perspectiva literária sobre intermedialidade. Tradução de Thaís Flores Nogueira Diniz e Eliana Lourenço de Lima Reis. In: DINIZ, T. F. N. (Org.). *Intermedialidade e estudos inter-artes: desafios da arte contemporânea*, v. 1. Belo Horizonte: Fale-UFMG, 2012, p. 15-45.

¹¹ Livro organizado por Ana Cláudia Munari Domingos, Ana Paula Klauck e Glória Maria Guiné de Melo.



RODOLPHO, M. Um estudo dos procedimentos efrásticos. *Codex*, v.2, n.1, Rio de Janeiro, 2010, p.102-115.

_____. *Écfrase e evidência nas letras latinas: doutrina e práxis*. 1. ed. São Paulo: Humanitas, 2012.

ROSA, A. *Palavra e terra de Carlos Drummond de Andrade em O cometa itabirano*. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Literaturas de Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.

VIEIRA, M. Écfrase: de recurso retórico na antiguidade a fenômeno midiático na contemporaneidade. *Todas as letras*, v. 19, n. 1, São Paulo, 2017a, p. 45-57.

_____. Écfrase arquitetônica: um modelo interpretativo. *Aletria*, v. 27, n. 2, Belo Horizonte, 2017b, p. 241-260.

_____. *Dimensões da écfrase: a presença da pintura e da arquitetura em romances de artista*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

WEBB, R. *Ekphrasis, Imagination and Persuasion in Ancient Rhetorical Theory and Practice*. Surrey: Ashgate, 2009.